

HÉCTOR ABAD

A ausência que seremos

Tradução

Rubia Prates Goldoni e

Sérgio Molina



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2006 by Héctor Abad Faciolince
Publicado mediante acordo com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e K.,
Frankfurt am Main, Alemanha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

El olvido que seremos

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

© H. Armstrong Roberts/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Cecília Ramos

Revisão

Luciane Helena Gomide

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abad, Héctor

A ausência que seremos / Héctor Abad ; tradução Rubia Prates
Goldoni, e Sérgio Molina. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: El ovido que seremos.

ISBN 978-85-359-1897-7

1. Abad Faciolince, Héctor, 1958- 2. Memórias autobiográficas

I. Título.

11-05353

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores colombianos : Memórias autobiográficas 920

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

*Para Alberto Aguirre e Carlos Gaviria,
sobreviventes.*

1.

Em casa moravam dez mulheres, um menino e um senhor. As mulheres eram Tatá, que fora babá de minha avó, tinha quase cem anos e estava meio surda e meio cega; duas empregadas — Emma e Teresa —; minhas cinco irmãs — Maryluz, Clara, Eva, Marta, Sol —; minha mãe e uma freira. O menino, eu, amava o senhor, seu pai, sobre todas as coisas. Amava-o mais que a Deus. Um dia tive que escolher entre Deus e meu pai, e escolhi meu pai. Foi a primeira discussão teológica da minha vida, e a mantive com a irmã Josefa, a freirinha que cuidava da Sol e de mim, os irmãos mais novos. Fechando os olhos, ainda posso ouvir sua voz áspera, grossa, enfrentando minha voz infantil. Era uma manhã clara e estávamos no quintal, ao sol, olhando os beija-flores fazerem sua ronda. De repente a irmã disse:

— Seu pai vai para o Inferno.

— Por quê? — perguntei.

— Porque ele não vai à missa.

— E eu?

— Você vai para o Céu, porque toda noite reza comigo.

De noite, enquanto a irmã Josefa trocava de roupa atrás do biombo dos unicórnios, nós rezávamos pai-nossos e ave-marias. No fim, antes de dormir, rezávamos o credo: “Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis...”. Ela tirava o hábito atrás do biombo para que não víssemos seu cabelo; tinha-nos advertido que ver o cabelo de uma freira era pecado mortal. Eu, que demoro um pouco para entender as coisas, mas as entendo bem, fiquei o dia inteiro me imaginando no Céu sem meu pai (espiava por uma janela do Paraíso e o via lá embaixo, pedindo socorro, enquanto queimava nas chamas do Inferno), e naquela noite, quando ela começou a recitar as orações, falei:

— Não vou mais rezar.

— Ah, não? — repreendeu-me.

— Não. Não quero mais ir para o Céu. Não gosto do Céu sem meu pai. Prefiro ir com ele para o Inferno.

A irmã Josefa pôs a cabeça para fora do biombo (foi a única vez que a vimos sem véu, quer dizer, a única vez que cometemos o pecado de ver suas madeixas sem graça) e gritou: “Quieto!”. Depois se benzeu.

Eu amava meu pai com um amor que só voltei a sentir por meus próprios filhos. Quando eles nasceram, logo o reconheci, porque é um amor tão intenso quanto o outro, embora diferente e, em certo sentido, até oposto. Eu sentia que nada de mau podia me acontecer se estivesse com meu pai. E sinto que nada de mau pode acontecer aos meus filhos se eles estiverem comigo. Quer dizer, eu sei que seria capaz de morrer, sem vacilar um instante sequer, para defender os meus filhos. E sei que meu pai também teria sido capaz de morrer, sem vacilar um instante sequer, para me defender. Quando eu era criança, não havia nada mais insuportável para mim do que imaginar que meu pai podia morrer, por isso decidi que, se isso acontecesse, eu me jogaria no rio

Medellín. Sei também que existe uma possibilidade muito pior do que a minha própria morte: a morte de um filho meu. Tudo isso é uma coisa muito primitiva, ancestral, que se sente no mais fundo da consciência, num lugar anterior ao pensamento. É uma coisa que não se pensa, mas que simplesmente é assim, sem atenuantes, pois não vem da cabeça, e sim das entranhas.

Eu amava meu pai com um amor animal. Gostava do cheiro dele, e também da lembrança do cheiro dele na cama quando ia viajar, e pedia às empregadas e à minha mãe que não trocassem seus lençóis nem sua fronha. Gostava da voz dele, gostava das suas mãos, da elegância de suas roupas e da meticulosa limpeza do seu corpo. Quando tinha medo, de noite, ia para sua cama, e ele sempre deixava um lugar a seu lado para eu me deitar. Nunca disse não. Minha mãe protestava, dizia que ele estava me educando mal, mas meu pai deslizava até a beirada do colchão e me deixava ficar. Eu sentia pelo meu pai a mesma coisa que meus amigos diziam sentir pela mãe. Sentia o cheiro do meu pai, passava o braço por cima dele, punha o dedão na boca e dormia profundamente até o barulho dos cascos dos cavalos e a sineta da carroça de leite anunciarem o amanhecer.

2.

Meu pai me deixava fazer tudo o que eu queria. Dizer *tudo* é um exagero. Não podia fazer porcarias, como enfiar o dedo no nariz ou comer terra; não podia bater na minha irmã mais nova nem-com-uma-rosa; não podia sair sem avisar nem atravessar a rua sem olhar para os dois lados; tinha que tratar a Emma e a Teresa — ou qualquer das outras empregadas que tivemos naquela época: a Mariela, a Rosa, a Margarida — com mais respeito do que qualquer visita ou parente; tinha que tomar banho todos os dias, lavar as mãos antes de comer e escovar os dentes depois, e manter as unhas limpas... Mas, como eu era de índole mansa, aprendi essas coisas elementares muito depressa. Quando digo *tudo*, refiro-me, por exemplo, a eu poder pegar seus livros ou seus discos, sem nenhuma restrição, e mexer em todas as suas coisas (o pincel de barba, os lenços, o vidro de água-de-colônia, o toca-discos, a máquina de escrever, a caneta) sem pedir permissão. Também não precisava pedir dinheiro. Ele me explicara o seguinte:

— Tudo que é meu é teu. Minha carteira está aí, pega o quanto precisar.

E estava lá, sempre, no bolso de trás da calça. Eu pegava a carteira do meu pai e contava o dinheiro. Nunca sabia se pegava um peso, dois pesos ou cinco pesos. Pensava um pouco e resolvia não pegar nada. Minha mãe nos alertou muitas vezes:

— Meninas!

Sempre dizia “meninas”, porque as meninas eram maioria, e então aquela regra gramatical (um homem entre mil mulheres leva tudo para o masculino) para ela não valia.

— Meninas! Os professores são muito mal pagos neste país, não ganham quase nada. Não abusem do seu pai, que ele é bobo e dá tudo o que vocês pedem, mesmo sem poder.

Eu achava que podia pegar todo o dinheiro da carteira dele. Às vezes, quando estava mais cheia, no início do mês, pegava uma nota de vinte pesos, enquanto meu pai dormia a sesta, e a levava para o meu quarto. Brincava um pouco com ela, sabendo que era minha, e fazia de conta que comprava coisas (uma bicicleta, uma bola de futebol, um autorama, um microscópio, um telescópio, um cavalo), como se tivesse ganhado na loteria. Mas depois a punha de volta no lugar. Quase nunca havia muitas notas, e no fim do mês, às vezes, não havia nenhuma, já que não éramos ricos, embora parecesse, porque tínhamos sítio, carro, empregadas e até uma freira de companhia. Quando perguntávamos à minha mãe se éramos ricos ou pobres, ela sempre respondia o mesmo: “Nem uma coisa nem outra, meninas, somos remediados”. Muitas vezes meu pai me dava dinheiro sem eu pedir, e aí eu não tinha nenhum pudor em aceitar.

Minha mãe dizia, com razão, que meu pai era incapaz de entender a economia doméstica. A certa altura ela resolveu ir trabalhar num pequeno escritório no centro — contra a vontade do marido —, porque o salário de professor nunca durava até o fim do mês, e não tínhamos reservas a que recorrer, já que meu pai nunca teve a menor noção de poupança. Quando chegavam as

contas, ou quando minha mãe lhe dizia que precisava pagar o pedreiro, porque havia encontrado umas goteiras, ou o eletricista, que tinha consertado um curto-circuito, meu pai ficava de mau humor e se trancava na biblioteca para ler e ouvir música clássica no último volume, e assim se acalmar. Ele mesmo contratava o pedreiro, mas sempre se esquecia de perguntar, antes, quanto iam cobrar pelo trabalho, então no fim cobravam o que bem entendiam. Quando era minha mãe que contratava o serviço, ao contrário, ela pedia dois orçamentos, regateava, e nunca havia surpresas no final.

O salário do meu pai era sempre insuficiente porque ele vivia dando ou emprestando dinheiro a qualquer um que lhe pedisse, fosse parente, conhecido, estranho ou mendigo. Os alunos da faculdade se aproveitavam dele. E também abusava dele o caseiro do sítio, *don* Dionisio, um iugoslavo descarado que obrigava meu pai a lhe dar adiantamentos, iludindo-o com umas maçãs, umas peras e uns figos mediterrâneos que nunca chegaram a brotar no pomar. No fim conseguiu fazer os morangos e as verduras vingarem, montou um negócio à parte, numa terra que comprou com os adiantamentos que meu pai lhe dera, e prosperou um bocado. Então meu pai contratou como caseiros *don* Feliciano e *doña* Rosa, os pais de Teresa, a empregada, que estavam morrendo de fome num povoado do nordeste chamado Amalfi. Só que *don* Feliciano tinha quase oitenta anos, estava com artrite e não podia trabalhar na horta, por isso as verduras e os morangos de *don* Dionisio estragaram, e dali a seis meses o sítio era puro mato. Mas não íamos deixar *doña* Rosa e *don* Feliciano morrerem de fome, porque isso teria sido pior. Tínhamos que esperar que morressem de velhos para contratar outros caseiros, e assim foi. Depois vieram Edilso e Belén, que estão lá há trinta anos, com um contrato muito estranho que meu pai inventou: a terra é nossa, mas as vacas e o leite são deles.

Eu sabia que os alunos lhe pediam dinheiro emprestado porque muitas vezes o acompanhava à universidade, e sua sala parecia um local de peregrinação. Os estudantes faziam fila na porta; alguns para consultá-lo sobre questões acadêmicas ou pessoais, mas a maioria para lhe pedir dinheiro emprestado. Sempre que eu ia lá, via meu pai abrir a carteira e entregar aos alunos notas que eles nunca devolviam, e por isso sempre havia um enxame de pidões em volta dele.

— Pobres rapazes — dizia —, não têm nem para o almoço; e com fome é impossível estudar.